

# sobre o problema de ser judeu

*Vilém Flusser*

Uma das tentações contra a qual um judeu educado é chamado a lutar é um ufanismo fácil. Digo "fácil", porque consagrado por uma tradição milenar, embora provavelmente mal interpretada. Procurarei estruturar estas considerações da seguinte forma: (1) Exposição do ufanismo, (2) Razões porque deve ser combatido, e (3) Razões porque o combate deve ser honestamente comunicado aos não-judeus.

(1) A Bíblia diz que o Senhor escolheu o povo judeu entre todos ao impôr-lhe restrições ("mandamentos"), que valem apenas para êle. Estabeleceu assim o "povo" em aristocracia, não de poder, mas de modelo. Essa aristocracia modelar, (essa "noblesse qui oblige"), deverá, de acordo com o mandamento divino, estabelecer os padrões de pensamento e comportamento da humanidade. Deverá fazê-lo pela teoria, (ensinando), e pela praxis, (vivendo modelarmente). E

com responsabilidade, isto é: assumindo as falhas dos seus modelos, e ser castigada por elas. Esta última condição, a de o povo judeu ser "bode expiatório" e "cordeiro de Deus", explica porque essa aristocracia deve ser exclusivista e não fazer proselitismo. Note-se, pois, que a despeito do seu exclusivismo a tradição judaica não é nacionalista, mas universalista. A eleição dos judeus se dá em função da humanidade, e sem essa referência careceria de sentido.

A história da humanidade, se interpretada à luz dessa tradição, fornece argumentos, (embora abertos à contestação), que depõem em favor da "eleição" no sentido mencionado. Mas fornece êsses argumentos apenas, se restringirmos a história à do Ocidente. Os argumentos valerão para o resto da humanidade apenas se admitirmos que o Ocidente é a civilização dominante, premissa ao mesmo tempo duvidosa e prepotente. Mas no campo restrito do Ocidente os judeus parecem, efetivamente, ter cumprido, em parte, a missão que lhes foi confiada. Os dados quanto à Antiguidade pré-cristã são duvidosos, mas êsse período pode ser considerado preparatório para a missão a ser executada. A figura de Jesus, (o "Cristo" do Ocidente), representa, sob êste enfoque, os fundamentos sobre os quais a ação modelar judaica vai ser a forma pela qual modelos judeus são aplicados. A figura de São Paulo representa a teorização da ação modeladora, e simultaneamente a primeira tentativa judaica de absorver a Grécia nos seus modelos. Ao mesmo tempo transferem os judeus o seu peso para Alexandria, Capital do Ocidente:

Lá influem, decisivamente, sobre a ciência, arte, religião e o misticismo da cultura helenística, base do Ocidente.

Na Idade Média a ação modeladora judaica se desenvolve, principalmente, no campo do Islamismo, como se a cristandade ainda não estivesse madura para tanto. O próprio Islam é um modelo judaico em segunda edição, revista. As universidades judaicas na Pérsia e Mesopotâmia passam a centros modelares dessa cultura, no Egito e na península ibérica vai se desenvolvendo a elaboração do modelo em todos os campos do pensamento e da atividade. Todas as ciências são adubadas com contribuições fundamentais judaicas, as artes, e especialmente a poesia, vão se judaizando, e a filosofia culmina em Moisés Maimonides, o qual absorve o aristotelismo e o assimila ao judaísmo como modelo para o islamismo e o cristianismo. Mais tarde outros pensadores judeus no Islam, (por exemplo: Crescas), preparam o campo para a reviravolta do Renascimento. No mesmo sentido age, no campo da literatura, Jehuda Halévi. E, embora em menor escala, a mesma ação de desenvolve no campo do cristianismo. A alquimia medieval segue modelos cabalísticos, e a escolástica, (também influenciada pelos judeus islâmicos), baseia-se, pelo menos em parte, sobre especulações judaicas, (por exemplo: há dependência indireta de São Tomás sobre Rachi). E a literatura provençal e ibérica, fundamento da cortesia, segue modelos poéticos judaicos.

Com a derrota do Islam os judeus transferem seu peso sobre a

crisandade. A Reforma, que é a ideologia da nova burguesia a preparar-se para o governo, é, em muitos sentidos, uma volta para as raízes judaicas do cristianismo, e é assistida, decisivamente, por pensadores judeus. E a Contrarreforma é igualmente assim influenciada. Spinoza lança a estrutura do iluminismo, e Mendelsohn, em colaboração com Kant, prepara a superação do iluminismo. O idealismo romântico com sua volta ao cristianismo, (e em numerosos outros aspectos), é voltado para o judaísmo e por ele influenciado. E há ainda a influência decisiva do spinozismo de Goethe. O romantismo desemboca em Heine, Lassalle e Marx, nos quais o judaísmo lança a estrutura de um pensamento superador da burguesia e do capitalismo. Essa reestruturação se dá em múltiplos campos, e em todos há ação decisiva de modeladores judeus. Por exemplo a contribuição fundamental de Freud e Einstein no campo das ciências, e de nomes numerosos demais para serem mencionados no campo das artes.

No passado recente e na atualidade a ação modeladora judaica funciona no sentido de uma elaboração de novas estruturas do pensamento e comportamento a superar o marxismo. Nomes como Husserl, Wittgenstein, Marcuse, Lévy-Strauss e Goldmann no campo da filosofia, Kafka, Proust na literatura, quase de todos os líderes da nova esquerda e hippie nos Estados Unidos e da contestação na União Soviética, e inúmeros nomes em outros campos atestam este fato. Que seja apenas lembrado o nome de Cohn-Bendit como líder do mo-

vimento estudantil europeu. De forma que a história parece querer confirmar a missão dos judeus como modeladores.

Parece querer confirmar também a sua responsabilidade pelas falhas dos seus modelos. A perseguição dos romanos contra os cristãos, (que eram judeus), purifica o cristianismo primitivo. Há a constante perseguição medieval que purifica a transformação dos modelos. A transferência dos judeus do Islam para a crisandade se dá pela inquisição espanhola, portanto pela prova de fogo o quanto os judeus falharam. E o último e mais convincente exemplo de purificação, a fim de provocar nova atividade modeladora, é o nazismo. Tudo isto explica, mas não justifica, o ufanismo judeu.

(2) Numerosos são os argumentos contra a "evidência" da eleição judaica apresentada. Esses argumentos podem ser divididos em duas classes. (a) A evidência apresentada é um fato, mas não prova a eleição judaica. (b) A evidência apresentada não é um fato. Desconsiderarei, neste trabalho, os argumentos da primeira classe. Esses argumentos tentam mostrar que, embora seja modelar e modeladora a ação judaica, ela é consequência de fatores econômicos, sociais, políticos ou biológicos, e não de um fator transcendental, como o é a "eleição divina". Não considerarei tais argumentos, por acreditar que a evidência apresentada não é um fato.

A evidência foi conseguida, porque foi aplicada contra a história do Ocidente uma rede triadora que filtra certos fenômenos e deturpa, portanto, os aconteci-

mentos. Por esse filtro os judeus aparecem, efetivamente, como os modeladores do pensamento e comportamento. Outros filtros poderão, no entanto, permitir interpretações diferentes. Poderão "evidenciar", por exemplo, que os modeladores da nossa cultura são os gregos, ou os romanos, ou os germanos. Com efeito: um lembrete da parcialidade de tais enfoques é o nazismo. É ele uma caricatura brutal e estúpida do conceito da eleição judaica. E por ser caricatura, salienta bem os defeitos de uma interpretação preconcebida da história do Ocidente. O nazismo pode ser interpretado como judaísmo às avessas, embora um judaísmo decadente, efêmero e cretinizado. Sob esta interpretação os judeus passam a ser, paradoxalmente, os modelos do nazismo. Não pretendo aderir a tal interpretação e recorro a ela apenas como lembrete do perigo inerente em toda tentativa de explicar a história preconcebidamente.

Alguns aspectos da parcialidade da evidência apresentada: as contribuições judaicas para o campo das artes plásticas são pouco numerosas e tardias. A filosofia feita por judeus não é judaica, mas, como toda filosofia, fundamentada sobre bases gregas. (Embora não se negue o sabor especificamente judeu de tal filosofia). A contribuição judaica para as ciências é relativamente recente. Os soít-disant modelos judaicos são fortemente modelados por elementos não-judeus, (haja visto: marxismo, freudismo, fenomenologia, estruturalismo). Há numerosos modelos fundamentais no Ocidente, e que nada têm, (ou muito pouco), de ju-

dáico. E estes aspectos da parcialidade podem ser multiplicados. 2

Um? consequência deste tipo de raciocínio é esta: o antisemitismo não pode ser explicado simplesmente como resistência da humanidade a modelos judeus, resistência pela qual os judeus são responsáveis. O antisemitismo é, pelo contrário, um fenômeno complexo, que aparece em várias formas, e exige explicações mais refinadas.

Dito isto, resta o fato da contribuição de judeus para a nossa cultura ter sido muito grande, e tal desproporcional ao número de judeus existentes. E o ufanismo pode agarrar-se a este fato, (e efetivamente o faz amíúde). É um erro por várias razões, duas das quais irei mencionar.

Uma face do erro é a de querer confundir os judeus que contribuíram para a nossa cultura com a contribuição do judaísmo. Muitos entre eles não agiram enquanto judeus, e alguns agiram conscientemente em total isolamento do judaísmo. É possível dizer-se que inconscientemente agiram como judeus, mas dizer isto seria alterar a própria essência da contribuição que deram. De forma que a contribuição do judaísmo propriamente dito é muito menor que aquela sugerida pela enumeração dos grandes nomes judeus.

Uma outra face do erro é a de querer-se identificar, enquanto judeu, com esses grandes nomes. Quem se qualifica como judeu, deve fazê-lo por si, e não por alguns por ele escolhidos para esse fim. Se quiser se identificar com a comunidade, que escolha os pequenos tanto quanto os grandes, e os grandes criminosos tanto quanto os grandes benfeitores.

Porque a comunidade judáica como qualquer comunidade humana, é composta de todos os tipos humanos. Não há grandes povos e pequenos povos. Há apenas grandes personalidades. Neste sentido o conceito da eleição de um povo constitui certamente um erro.

Creio ter provado, pelo menos a mim, a prova satisfaz, que a tentação para o ufanismo deve ser combatida. Sei que oficialmente ela está sendo combatida, e que sua existência está sendo negada. Mas sei igualmente que o ufanismo é um fato. Muitos judeus a êle se dedicam, e os que o negam apenas tentam recalá-lo. Pois que continuem tentando até conseguí-lo.

(3) Considerações do tipo apresentado constituem geralmente assunto de diálogo entre judeus, e assim mesmo raras vezes publicadas. A sua publicação mais ampla é ainda mais rara. A razão disto é esta: receia-se que provoquem antisemitismo. A razão é curiosa, e vale a pena elucidá-la.

Os judeus crêem, admitam-no ou não, na eleição judáica, receiam que os outros, ao saberem desta, ataquem os judeus por sua superioridade. Melhor, portanto, que dela não saibam. Os judeus que não crêem na eleição judáica acreditam que os antisemitas desprezam os judeus por considerá-los inferiores. Seria portanto contraproducente provar a estes antisemitas que os judeus não são superiores. Melhor que pelo menos suspeitem da existência de tal superioridade.

A razão da não-publicação é pois contraditória, mas é insus-

tentável de ambos os lados. Porque o antisemitismo, (qualquer que seja a sua definição), certamente não é uma atitude racional, (embora possa mascarar-se como tal). Ninguém deixa de ser antisemita, quando confrontado com argumentos racionais e com fatos. Se isto fôsse possível, não existiria antisemitismo. Ninguém se torna antisemita quando vê argumentos racionais ou fatos. Uma publicação do problema exposto não combaterá nem criará antisemitismo. Este continuará existindo ou não existindo à revelia deêla.

Mas há forte razão para a publicação do problema. É esta: Problemas publicados são problemas abertos para soluções amplas. O problema da eleição judáica não é apenas um problema, mas sim um problema humano. Deve pois ser honestamente discutido entre judeus e não-judeus. Porque ser judeu não é ser judeu apenas para si, mas também para os outros. Não nutro a esperança ingênua de que o problema judáico possa ser resolvido pública e civilizada. Sei que é um problema existencial, tanto para os judeus como para os não-judeus, e apenas parcialmente aberto para o intelecto. Mas o seu aspecto da eleição me parece ser solucionável. É possível mostrar-se que se trata de preconceito. E não é tarefa dos intelectuais combater preconceitos? Os seus próprios, antes daqueles outros? E pedir, honestamente, a colaboração dos outros no empreendimento desta tarefa? A ela se dedica pois êste trabalho.